

Enéas veio para ficar

REINALDO BESSA

Tão logo constatou que não tinha a menor chance de sonhar com uma vaga no segundo turno, o político Enéas

Ferreira Carneiro entrou em recesso por cinco anos. Ele não admite disputar nenhum outro cargo a não ser o de presidente da República. Leva a promessa tão sério que mandou registrar em cartório o compromisso de não usar a campanha presidencial como trampolim para as eleições do ano que vem.

Mas os telespectadores poderão voltar a vê-lo, em breve, durante bem mais do que os poucos 15 segundos de que dispunha como candidato a presidente pelo Partido da Reedificação da Ordem Nacional (Prona). Ele está estudando mais de dez convites de grandes agências de publicidade para atuar como garoto-propaganda. "Talvez seja uma forma de ajudar o partido", justificou-se, ontem, durante a primeira entrevista coletiva de sua vida. A rotina do cardiologista Enéas mudou definitivamente. Onde quer que vá é imediatamente reconhecido — o que o deixa um pouco sem jeito por causa da timidez — e solicitado a dar autógrafos, principalmente pelas crianças.

Até os índios Xerentes, da aldeia do Cercado, no Estado do Tocantins, o conhecem. Durante a campanha, os 200 índios da tribo se reuniam em volta do rádio de pilha para ouvir o horário político. Toda vez que o candidato encerrava sua aparição

com a frase que o tornou famoso — "Meu nome é Eneas" — caíam na gargalhada. "Ele é candidato pra fazer graça", explicava o cacique Ranulfo Kuhnásé. Enéas é mesmo uma pessoa engraçada. Ele diz coisas ou cria situações diante das quais é difícil não rir. Baixo — mede 1,62 de altura — muito magro, calvície acentuada, barba longa e óculos "fundo de garrafa", ele

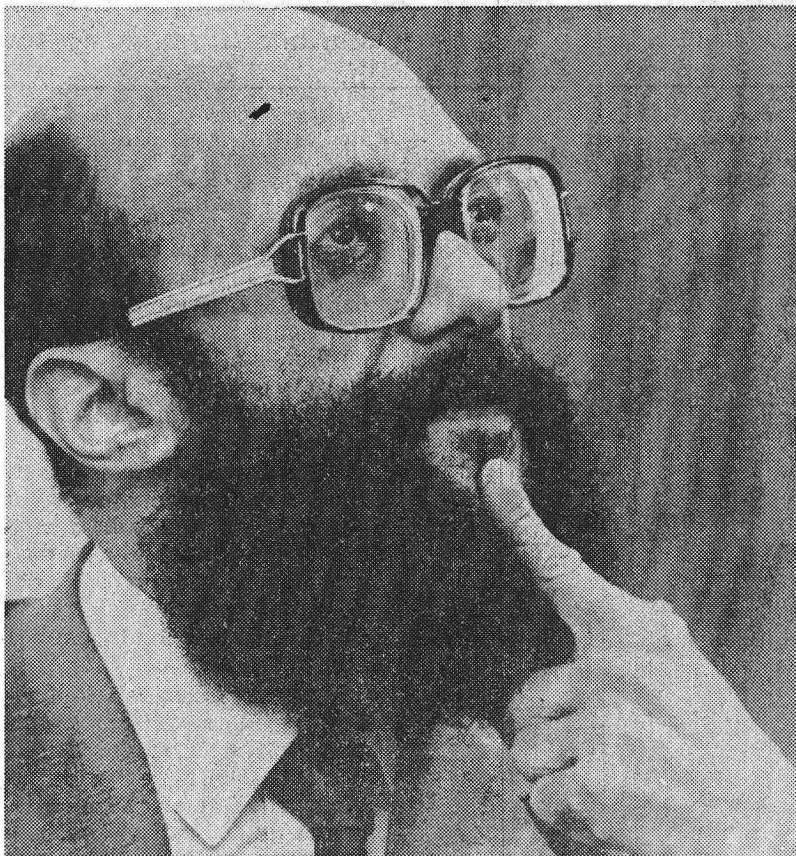
se parece mais com um daqueles cientistas do mal de desenho animado.

Os 15 segundos que o TSE lhe concedeu parecem tê-lo condicionado a falar rápido e atropelando algumas palavras. Faz questão de tratar todos por "senhor" ou "senhora" e exige o mesmo tratamento. Ao ver tantos repórteres à sua espera, no hotel, comentou com certa in-

digação: "Mas só agora, depois da eleição?" Mesmo assim, respondeu pacientemente a todas as perguntas.

"Vou anular meu voto no segundo turno porque ninguém vai fazer nada, o País vai piorar nas mãos de qualquer um desses senhores", atacou ele com a mesma veemência com que aparecia na televisão. Enéas chegou a se irritar quando os repórteres insistiram em saber se ele recebeu algum pedido de apoio ou algum convite para assumir cargos no próximo governo. "Sou radicalmente contra tudo isso que está aí", repetiu. A maior mágoa do candidato do Prona é a discriminação de que se diz vítima por parte da lei eleitoral e da imprensa. "Me deram um tempo miserável. Se o sujeito ia fazer xixi, quando voltava, já tinha acabado", desabafa. Enéas está convicto de que, se dispusesse de 2,5 minutos na televisão, se elegeria no primeiro turno. "Se tivesse todo esse tempo, passaria como um trator sobre esses senhores, todos semi-analfabetos", dispara.

Tudo, na campanha de Enéas, foi bancado por ele mesmo. Do dinheiro às idéias. Ele calcula ter gasto cerca de NCz\$ 500 mil entre viagens a Brasília, onde eram gravados os programas, e confecção de material de propaganda, alguns milhares de adesivos e buttons. Se tivesse chegado lá, começaria decretando um congelamento geral de preços e salários e promoveria uma política "drástica" de redistribuição de renda. Se é de esquerda ou de direita, tanto faz. "Essa divisão é anacrônica", rebate. Seu nome é Enéas.



Júlio Alcântara/AE

Enéas: até a próxima eleição, apenas garoto-propaganda